

DIALOGANDO COM PROFESSORES NA ESCOLA SOBRE SEXUALIDADE E DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

DIALOGUING WITH TEACHERS AT SCHOOL ABOUT SEXUALITY AND SEXUALLY TRANSMITTED DISEASES

CONVERSANDO CON PROFESORES DE ESCUELAS SOBRE SEXUALIDAD Y ENFERMEDADES TRANSMITIDAS SEXUALMENTE

EVELINE PINHEIRO BESERRA
CIBELE ALMEIDA TORRES
MARIA GRASIELA TEIXEIRA BARROSO

A experiência no contexto escolar apresentou pontos de vulnerabilidade a que os adolescentes estão expostos, tanto pela própria idade quanto pela carência de informação acerca do próprio processo de adolecer. Logo, o objetivo foi relatar sobre uma oficina de Educação em Saúde com professores sobre sexualidade e Doenças Sexualmente Transmissíveis. Trata-se de relato de experiência, descrito a partir de oficina com doze docentes de uma escola do Estado do Ceará, realizada no mês de maio de 2007. Os professores deram importância a essa temática, pois acreditam que a escola, juntamente, com a família, forma um conjunto interligado na educação do jovem para uma prática sexual segura. Apontaram suas dificuldades e reconheceram seu despreparo para a abordagem do assunto. Ações que permitam a articulação da saúde com a escola favorecem aos jovens meios para alcançarem uma melhor qualidade de vida por meio da reflexão de suas atitudes.

PALAVRAS-CHAVE: Doenças sexualmente transmissíveis; Educação em saúde; Adolescente; Sexualidade; Educação sexual.

Our experience in school context shows us vulnerability points to which adolescents are exposed due to both the age and shortage of information about the process of becoming an adolescent. Thus, we aim to report a workshop on health education with teachers about sexuality and sexually transmitted diseases. It is an experience report, described from a workshop with twelve teachers from a public school in the state of Ceará and carried out in May, 2007. The teachers gave importance to this theme. They believe school and family form an interconnected group in youngsters' education for a safe sexual practice. They brought forward their difficulties and recognized they are not prepared to approach this subject. Actions to permit the articulation between health and school favor means for the youngsters to accomplish better life quality through reflection about their attitudes.

KEYWORDS: Sexually transmitted disease; Health education; Adolescent; Sexuality; Sex education.

La experiencia en el contexto escolar reveló puntos de vulnerabilidad a los cuales los adolescentes están expuestos, debido a la edad de los mismos y también por carencia de información sobre el propio proceso de convertirse en adolescente. Por lo tanto, el objetivo fue mostrar un taller de Educación en Salud con profesores que hablaron sobre sexualidad y enfermedades transmitidas sexualmente. Se describe la experiencia obtenida a partir de dicho taller, realizado con doce profesores de una escuela del estado de Ceará, durante el mes de mayo de 2007. Los docentes dieron gran importancia a esa temática, pues creen que, escuela y familia a la par, forma un conjunto interaliado en la educación del joven relacionado a una práctica sexual segura. Expusieron sus dificultades y reconocieron su falta de preparación para el planteo de ese asunto. Acciones que permitan la articulación de la salud con la escuela favorecen a los jóvenes, medios para que puedan mejorar su calidad de vida, reflexionando sobre sus actitudes.

PALABRAS CLAVE: Enfermedades de transmisión sexual; Educación en Salud; Adolescente; Sexualidad; Educación sexual.

¹ Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista CAPES. Rua Álvaro Fernandes, 891, Montese. CEP. 60410-570. Fortaleza-Ceará. E-mail: eve_pinheiro@yahoo.com.br

² Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista CAPES. Av. Doutor Correia Lima, 644, CEP. 60834-620. E-mail: cibelead@yahoo.com.br

³ Enfermeira. Livre Docente em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Rua Coronel Linhares, 930, Aldeota, Fortaleza-CE. E-mail: grasiela@ufc.br

INTRODUÇÃO

A realização de oficinas de Educação em Saúde no ambiente escolar é importante, pois a escola exerce papel essencial na socialização e na formulação de conhecimento e dos valores necessários para a conquista do exercício pleno da cidadania, sendo, assim, um espaço formador de jovens para serem ativos na sociedade¹.

As ações educativas são importantes para serem implementadas com jovens em diferentes assuntos que englobam vulnerabilidade, como é o caso das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), na qual os adolescentes sentem-se impulsionados à descoberta do novo, colocando-se em risco de contaminação. Especificamente sobre as DST/HIV/Síndrome da Imunodeficiência humana (AIDS), houve um significativo aumento da infecção pelo HIV. No mundo, das 30 milhões de pessoas infectadas pelo HIV, pelo menos um terço tem entre 10 e 24 anos. No Brasil, 11,4% dos casos diagnosticados entre 1980 e 2006 foram em jovens de 13 a 24 anos².

A experiência nesse contexto mostra pontos de vulnerabilidades a que os adolescentes estão expostos, tanto pela própria idade, pela formação do autoconhecimento, quanto pela carência de informação acerca do próprio processo de adotar, da prevenção das DST's, do uso da camisinha e de outras dúvidas. Torna-se necessário realizar discussões concretas sobre esta problemática, cabendo ao profissional de saúde esta responsabilidade, juntamente com a escola, de orientar os jovens a respeito de uma melhor qualidade de vida, visto assim a importância de agir de forma interdisciplinar no desenvolvimento de estratégias que promovam a integração entre saúde e educação no contexto escolar.

Observa-se em estudo que adolescentes de ambos os sexos preferem esclarecer dúvidas referentes à DST/AIDS com professores ou profissionais de saúde³. Com efeito, é relevante realizar trabalhos educativos com professores no intuito de buscar conhecimento e preparação dos educadores na escola para lidar com adolescentes no que se refere à sexualidade e ao sexo seguro, suas dificuldades para abordar essa temática, preparando-os para a possibilidade de um dia que se deparem com jovens, procurando-os para abordarem dúvidas acerca desses assun-

tos. A escola é um ambiente propício ao desenvolvimento pedagógico, pois os alunos encontram-se ali por um longo espaço de tempo, realizando atividades de aprendizagem e socialização, sendo por esse motivo um campo propício para a atividade profissional da enfermagem⁴.

Logo, objetiva-se relatar uma oficina de Educação em Saúde com professores sobre sexualidade e Doenças Sexualmente Transmissíveis.

CONDUTA METODOLÓGICA

Trata-se de um relato de experiência, que é um estudo revelador das ações do indivíduo como agente humano e participante da vida social. O informante conta sua história, sendo capaz de desvendar seus aspectos subjetivos⁵.

Essa experiência foi descrita a partir de uma oficina que abordava temas relacionados à sexualidade e à adolescência, realizada com doze professores do ensino fundamental e médio de uma escola do estado do Ceará, sendo dez mulheres e dois homens, na faixa etária de 25 a 51 anos. Os professores selecionados foram os que estavam no expediente de trabalho e que desejavam participar da oficina. No contexto escolar, a oficina foi dirigida aos integrantes desse conjunto, e discutia sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis, mas com meta na prevenção destas.

A escola situa-se na Secretaria Executiva Regional III, de acordo com a divisão administrativa do município de Fortaleza/ CE, encontrando-se nas proximidades do Campus do Porangabussu, da Universidade Federal do Ceará. Ela dispõe, além das salas de aula, de uma sala de reunião que preencheu as necessidades do estudo.

Aconteceu no mês de maio de 2007, na referida escola, ação integrante do projeto de iniciação científica "Promoção da saúde na prevenção de Doenças Transmissíveis/Doenças Sexualmente Transmissíveis – uma investigação no contexto escolar". A oficina de Educação em Saúde foi dividida em três momentos: acolhimento; diálogo interativo e momento avaliativo, tendo como referencial teórico a dialógica de Paulo Freire⁶. A coleta de dados deu-se por meio da observação, observação-participante e o diário de campo. Os dados obtidos foram descritos e

analisados, tendo como suporte uma literatura pertinente. Os resultados foram organizados seguindo a subdivisão dos próprios momentos da oficina.

Foram respeitados os aspectos éticos e legais que envolvem pesquisas com seres humanos, conforme a Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde. Vale ressaltar que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Ceará, número do protocolo 102/06, em 12 de julho de 2006. Foi explicado aos professores que poderiam desistir de participar sem nenhum prejuízo para a escola estudada, e somente após a assinatura do Livre Consentimento Esclarecido, iniciou-se o estudo. O anonimato foi mantido por meio da palavra professor, quando se refere a falas destes.

RESULTADOS

A educação é o recurso ideal para formar indivíduos que tenham um pensamento voltado para a liberdade. Uma maneira, que contempla essa ação, são as oficinas pedagógicas. Estas são utilizadas como medidas de Educação em saúde que pode ter como alicerce uma prática dialógica. Através do diálogo, pode haver a aceitação ou a contestação de críticas sobre a realidade, sendo uma forma de educação, já que é um ato que permite a transmissão e assimilação do conhecimento e, conseqüentemente, a liberdade⁷. Diante disto, as ações educativas no campo da saúde permitem que o indivíduo reflita sobre sua condição real de vulnerabilidade e se sensibilize a incorporar atitudes saudáveis.

Na realização desse estudo, houve a colaboração da escola, que marcou a data, bem como divulgou entre os professores o tema a ser discutido. É essencial o interesse da escola em abrir espaço para as ações educativas que promovam o treinamento, atualização dos professores, como também a integração saúde-escola. Assim, considerar as justificativas que sustentam a inserção da temática sexualidade, sexo e Doenças Sexualmente Transmissíveis na escola torna-se necessário, pois esses assuntos na adolescência, constituem um problema social, devendo a escola intervir por meio de ações que permitam o desenvolvimento de trabalhos esclarecedores voltados a essa temática⁸.

PRIMEIRO MOMENTO: O ACOLHIMENTO

O acolhimento foi a primeira aproximação. Explorou-se o porquê do interesse em se promover essa oficina de Educação em Saúde. Relatou-se outras oficinas relacionadas à temática de sexualidade, adolescência e doenças sexualmente transmissíveis já desenvolvidas na escola e nosso papel de promover um momento de diálogo no tocante a esses temas.

Dentro da especificidade da enfermagem, na construção interdisciplinar da saúde coletiva, o enfermeiro deve assumir seus núcleos de competência e responsabilidade em prol do bem-estar humano por meio de intervenções educativas⁹.

O processo pedagógico da enfermagem, com ênfase na educação em saúde, encontra-se em evidência, já que atualmente é reconhecido como uma estratégia promissora no enfrentamento dos múltiplos problemas de saúde que afetam as populações e seus contextos sociais⁴. O enfermeiro tem destaque, já que é bastante atuante no processo de cuidar através da educação em saúde.

A prática da enfermagem, no ambiente escolar, é essencial para ações de educação em saúde, pois favorece a formação de grupos e abertura para o diálogo, bem como a articulação da enfermagem com a escola em prol de uma melhor qualidade de vida para os estudantes, favorecendo a interação entre estudantes e professores. Porém, percebe-se que ainda há práticas de educação em saúde que permanecem com um discurso autoritário que não constrói a autonomia, negando princípios preconizados¹⁰.

Para iniciar-se a conversa com os professores, questionou-se sobre como foi a adolescência deles, permitindo que eles fizessem em alguns minutos um regresso a esse período. Muitos relataram que foi muito diferente da adolescência vista atualmente. Assim, explorou-se mais essa colocação, em que se tornou unânime a dificuldade de expressar as dúvidas sobre sexo e doenças sexualmente transmissíveis no tempo da adolescência dos participantes.

Hoje, o adolescente é autorizado a experimentar sua sexualidade, executar seus primeiros passos de independência e vivenciar suas crises pelas mudanças biológicas do corpo¹¹.

Segundo momento: o diálogo interativo

Houve um diálogo integrativo, no qual todos os participantes da oficina estavam trocando conceitos e reflexões. As reflexões se referiam aos meios de propagação em massa, no que diz respeito ao sexo e à sexualidade. Eles relataram que essas informações divulgadas são fortemente assimiladas pelos jovens. Alguns professores afirmaram que ainda hoje existem pais que não conversam com seus filhos sobre sexo e, diante dessa circunstância, os jovens buscam encontrar resposta sobre seus questionamentos entre colegas.

A oficina era direcionada a discussões sobre sexualidade do adolescente, que deve ser compreendida, pois é um ponto fundamental para formar o alicerce de intervenções de promoção da saúde do adolescente na prevenção de DST.

Durante o diálogo, foi verbalizada a comparação entre escolas públicas e particulares, consoante o discurso de um professor:

“Na escola particular, os pais têm maior escolaridade, conversam com os filhos. O aluno da escola pública pouco vê seus pais e também os alunos são sem objetivo. O aluno de escola particular tem mais informação, auto-estima.” (Professor A)

Tal comentário relata a diferença social, situando-a como fator de vulnerabilidade dos jovens. É importante atentar para as vulnerabilidades dos adolescentes diante das DST/Aids de forma ampla, considerando também as questões econômicas e sociais, pois estas precisam de uma estratégia particular¹².

Na busca de contemplar os aspectos inerentes aos jovens e de incluir o espaço escolar na formação destes, os projetos pedagógicos escolares são guiados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de modo a unificar a formação básica. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais incluem, além das áreas curriculares clássicas, a necessidade de se manter um diálogo da escola com a população acerca de temas pertinentes à sociedade brasileira como aqueles ligados à ética, meio ambiente, orientação

sexual, pluralidade cultural, saúde, trabalho e consumo, ou assuntos outros que se mostrem relevantes¹³.

Também, em relação ao Projeto pedagógico das escolas públicas, no que se refere à saúde sexual do adolescente, existe, no âmbito federal, estadual e municipal, o Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas” que tem como objetivo central a promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva, visando reduzir a vulnerabilidade de adolescentes e jovens às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), à infecção pelo HIV, à Aids e à gravidez não-planejada, por meio do desenvolvimento articulado de ações das escolas e das unidades básicas de saúde, na tentativa de solucionar estes problema¹⁴.

Desta forma, observa-se que as práticas educativas devem buscar contemplar essa proposta, envolvendo os diferentes atores desse processo por meio da junção harmoniosa entre professores, alunos, pais, diretores, tendo como único foco: prevenir agravos e danos em relação à sexualidade do jovem. Contudo, torna-se necessário que toda a escola se empenhe para essa ação.

Ainda sobre o comentário do professor A, tem-se muito a refletir. O jovem precisa ser capacitado para a tomada de decisão e o seu contexto socioeconômico desfavorecido não deve ser visto como empecilho. Devemos incentivá-lo ao pensamento crítico sobre sua condição e, assim, afastando-o de riscos e vulnerabilidades, dentre as quais a de contaminar-se com alguma DST. O pensamento crítico apresenta dimensões racionais e emocionais que podem ser compreendidas como capacidade de questionar, analisar, emitir hipóteses e refletir sobre sua vida¹⁵. Dessa forma, ações que estimulem o jovem a se ver como cidadão, inserido na sociedade, condutor de seus atos, permitem a reflexão como um ser social.

Houve, ainda, a discussão sobre o papel da escola e da família diante do tema sexualidade. Surgiram divergências, mas um professor os definiu, afirmando que se trata de um conjunto, casa e escola, tendo a necessidade dos dois caminharem juntos para evitar fontes deturpadas. Os pais podem fazer parte da aprendizagem do jovem, havendo, possivelmente, a confiança mútua passível de ser estabelecida³, como também a escola pode integrar-se a esse contexto, uma vez que deve orientar o jovem sobre sexua-

lidade e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e a família reforçar essa orientação e vice-versa.

Após esse conceito formado por um professor, os demais reforçaram a idéia de ser difícil esse conjunto, em decorrência do baixo grau de instrução familiar dos alunos da rede pública, como também relataram que alguns pais não querem que falem sobre sexo e sexo seguro com seus filhos, sendo outro ponto que dificulta a articulação desse conjunto. Sabe-se que o ensino tradicional não proporcionava abertura para a discussão de temas ligados à sexualidade, contudo é preciso ser compreendido que os problemas relacionados à gravidez precoce e ao contágio por alguma DST requerem urgente intervenção.

A adolescência é marcada por muitos conflitos e dilemas, necessitando uma atenção especial, bem como uma estratégia de prevenção que abranja a escola, a família e a comunidade de formas diferentes¹⁰. Logo, faz-se necessário intervenções dialógicas sobre essa temática para promover a reflexão sobre a integração pais e filhos.

Observa-se que a problemática sobre DST é potencialmente passível de prevenção, sendo necessário um esforço cada vez maior para a formação de um conjunto composto por pais, educadores, profissionais da saúde, comunidade e mídia em um objetivo comum: programas educacionais em saúde voltados à atenção integral à saúde do adolescente como ação efetiva para jovens que estejam em comportamentos de risco¹⁶. A atenção integral à saúde dos adolescentes é um grande desafio, em que é preciso elaborar medidas capazes de intervir eficazmente junto a esse grupo.

Durante o diálogo, surgiu o conceito de sexualidade. Este é tema privilegiado para ser abordado, tanto para os jovens quanto para os profissionais de saúde, bem como para educadores que estão relacionados com os adolescentes¹⁷. Nesse sentido, é importante ressaltar um conceito ampliado da sexualidade, legitimado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1975, que coloca a sexualidade humana como componente que forma parte integral da personalidade de cada um, sendo prioritariamente uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida, já que ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e

integrações à saúde física e mental. A OMS ainda afirma que a sexualidade não deve ser confundida com o coito, já que ela transcende isto, sendo uma verdadeira energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas se comportam¹⁸.

Ao se conversar a respeito das Doenças Sexualmente Transmissíveis, perguntou-se sobre o uso correto do preservativo. De forma unânime, as professoras presentes afirmaram que é responsabilidade masculina a utilização do preservativo. Questionou-se o porquê dessa ação. Elas responderam que eles é que usam, assim, repassando a “obrigação” para o sexo masculino sobre a forma correta de utilizá-lo, apontando as questões de gênero presentes na sociedade.

Perguntou-se, ainda, aos participantes do grupo se eles se acham preparados para serem abordados por um jovem sobre dúvidas referentes à sexualidade e/ou sexo. Eles relataram que muitos alunos não perguntam, mas que as risadas em salas são comuns quando o assunto é sexo ou temas afins.

Afirmaram que não teriam problema em responder às dúvidas dos jovens, mesmo assim, buscou-se mostrar-lhes que não se trata de assuntos tão simples: a sexualidade do jovem, sexo seguro e as doenças sexualmente transmissíveis, necessitando conhecer seu contexto cultural e atentar para as tensões suscitadas pela própria idade. Dessa forma, foram procedidas orientações diversas sobre DST, percebeu-se, assim, pouco conhecimento pertinente a essa temática, pois há muitas dúvidas e medo perante a realidade das lesões retratadas por figuras das DST's.

Os professores demonstraram que tencionam aprender mais sobre tal assunto e a respeito de como deve ser sua abordagem, mesmo reforçando o fato de que até as alunas no relacionamento com as professoras demonstram vergonha em comentar quando estão menstruadas.

Ao inserir no diálogo o tema homossexualismo, uma professora questionou:

“A abordagem sobre sexo, doenças sexualmente transmissíveis, é de forma diferente ao jovem homossexual?” (Professor B)